

# DRAG QUEER ALMA NEGROT: ARTE, CORPO E CULTURA DIGITAL

Bolsista: DAVID CECCON

Orientador: ALEXANDRE SANTOS

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa se insere no projeto *A fotografia na arte contemporânea: diferença e micronarrativas* do professor e pesquisador Alexandre Santos e tem como objetivo construir uma reflexão sobre o trabalho do artista contemporâneo Alma Negrot/Raphael Jacques (Porto Alegre, 1995), a partir de uma análise que se volta para uma nova visualidade do corpo e para a reflexão sobre os modos a partir dos quais a fotografia e vídeo contribuem para esta nova visualidade. Interessa-me, também, investigar como as redes sociais e a cultura digital atravessam e transformam o trabalho deste artista, tanto nas formas de criação, quanto nos processos de difusão e exposição das obras.

## OBJETIVOS E METODOLOGIA

Utilizando-me da visão de corpo de Foucault (1979) como processo discursivo, do conceito de *diferença* de Deleuze (2000) e fixando como alicerce principal a *Teoria Queer* — a partir das autoras Judith Butler (1990) e Guacira Lopes Louro (2004) —, proponho um olhar crítico para o trabalho artístico de Raphael Jacques na construção de seu *alter-ego drag*, Alma Negrot. Como objetivo, intento investigar de que forma a poética de Jacques gera um novo corpo *queer*, rompendo com as concepções fixas de gênero e identidade e contribuindo para uma política pós-identitária dos sujeitos através da representação de um corpo de aspecto abjeto, estranho e fora dos padrões de beleza tradicionais. Amparado por autores como Michael Rush (2006), Michel Poivert (2016) e Roselee Goldberg (1979), interessa-me discutir, também, os meios que se relacionam com a poética do artista, ou seja, a fotografia, o vídeo e a performance.

Em uma segunda etapa de análise, e interessado em como as novas tecnologias da informação e comunicação estão transformando a cultura e a sociedade (Santaella, 2003), proponho, ainda, duas direções: por um lado, pensar a relação destas imagens com o ambiente virtual, a fim de investigar como o sistema das artes se expande e se complexifica na era digital; por outro, cruzar o conceito de *pós-humano* — advento da cultura digital e da tecnologia — com a cultura *queer*, como uma tentativa de compreender de que forma o trabalho de Jacques inscreve sua relevância na atualidade. Como metodologia, faço um recorte de quatro obras que evidenciam o corpo abjeto e que estão disponíveis no Instagram e Facebook (2013-atual). A pesquisa também se baseia na realização e reunião de entrevistas, assim como em matérias publicadas sobre a poética do artista.

O trabalho artístico de Raphael Jacques e seu *alter ego* Alma Negrot cria um novo lugar para o corpo. Partindo do universo *Drag Queen*, Raphael Jacques cria uma nova concepção de identidade: o corpo surge como superfície de experimentação, não é feminino nem masculino e nem orbita nestes universos, não é fixo, mas uma criação constante. O corpo adquire significados e simbologias em sua performance e serve como tela em que podem ser inscritos diversas formas e discursos. As questões raciais, de gênero e de classe social são fortes preocupações em seu trabalho e se vinculam à realidade brasileira, trazendo uma potência política e social ao seu trabalho. Raphael Jacques constrói uma miscelânea da cultura brasileira, traz as cores tropicais, ícones da cultura, a alma africana e seu legado pós-escravidão no cerne de suas performances e interesse como artista. Sua experimentação corporal, desta forma, é duplamente crítica e política: ao construir uma visão pós-identitária do corpo e ao agregar, a esse novo lugar do corpo, símbolos e signos culturais de denúncia e empoderamento, o artista desenvolve sua produção vinculando-se as questões da Teoria Queer em uma espécie de antropofagia, sem renegar as questões próprias de sua realidade local.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Imagens: pss\$ycho gal 📍 ph@deuzebraa #dragdj #protótipo #clubkid #dragse 2016

Disponível em [instagram.com/almanegrot](https://www.instagram.com/almanegrot)